

O QUE ESPERAR DA CÚPULA DA OTAN 2023

Por M. K. Bhadrakumar*



O rei Charles cumprimenta o presidente Joe Biden no Castelo de Windsor, em Berkshire, Inglaterra (Andrew Caballero-Reynolds/Getty Images).

As decisões da OTAN em Vilnius deverão levar em conta a realidade do declínio das esperanças de derrotar a Rússia no campo de batalha, lentamente admitindo que não haverá adesão da Ucrânia à OTAN.

A trajetória da guerra na Ucrânia está em jogo. Todos os olhos estão voltados para a chegada do presidente dos EUA, Joe Biden, a Vilnius para a reunião de cúpula da OTAN (11 a 12 de junho). Biden já recebeu um grande impulso do compromisso do presidente turco Recep Erdogan de transmitir o Protocolo de Adesão da Suécia à Grande Assembleia Nacional da Turquia para ratificação rápida.

O fato de esse compromisso estar próximo antes da reunião individual de Biden com Erdogan em Vilnius também tem uma grande visibilidade, o que inevitavelmente fortalecerá suas mãos para forjar um consenso da OTAN sobre o caminho a seguir na guerra da Ucrânia.

A [declaração](#) de Biden dizia: “Estou pronto para trabalhar com o presidente Erdogan e a Turquia no aprimoramento da defesa e dissuasão na área euro-atlântica.” O texto contorna a guerra da Ucrânia especificamente, mas é indicativo de Erdogan retornando ao rebanho da OTAN como um filho pródigo tendo fechado um acordo de longo alcance para seu país – Erdogan mencionou a retomada do processo de adesão da Turquia com a UE como o preço a pagar pelo Ocidente. De fato, a correção de curso da Turquia (para longe da SCO e do BRICS) afetará o equilíbrio de forças no Mar Negro, o que é crítico para futuras ofensivas militares russas.

No entanto, o quadro geral deve ser buscado no [grupo de imprensa do Conselheiro de Segurança Nacional](#), Jake Sullivan, no domingo, a caminho de Londres, a primeira etapa da turnê europeia de Biden que o levará a Vilnius e Helsinque. Na atmosfera, simplesmente, Sullivan evitou qualquer forma de tom beligerante em relação à Rússia – sem ameaças, sem propostas desafiadoras, sem difamar a Rússia ou demonizar pessoalmente o presidente Vladimir Putin. Na verdade, não é mais a “guerra de Putin”! Mesmo na questão controversa do chefe da Wagner, Yevgeny Prigozhin, Sullivan simplesmente encolheu os ombros dizendo que não tinha “nenhuma atualização” sobre isso.

Claro, a Casa Branca já havia ouvido falar da reunião que Putin teve no Kremlin em 29 de junho com os comandantes do Grupo Wagner e Prigozhin. O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, confirmou ontem que uma reunião ocorreu, dizendo: *“Ele [Putin] convidou 35 pessoas – todos os comandantes de esquadrão e a liderança da empresa [Wagner], incluindo Prigozhin. A reunião aconteceu no Kremlin em 29 de junho e durou quase três horas.*

“Não temos conhecimento dos detalhes, mas o que podemos dizer é que o presidente avaliou a atuação da companhia [Wagner] na linha de frente durante a operação militar especial e os eventos de 24 de junho.

“Putin ouviu as explicações dos comandantes [da Wagner] e ofereceu-lhes mais opções de emprego e uso em combate. Os próprios comandantes compartilharam sua versão do ocorrido, enfatizaram que são partidários e soldados ferrenhos do chefe de estado e do comandante-em-chefe supremo, e também disseram que estão prontos para continuar lutando pela Pátria.”

Peskov concluiu significativamente: “Isto é tudo o que podemos dizer sobre esta reunião.” Presumivelmente, muito mais teria acontecido naquela reunião de três horas à portas fechadas no Kremlin, que assume a natureza de um epílogo da história épica da tentativa de golpe fracassada de um dia na Rússia em 24 de junho.

É concebível que Washington deduzisse que foi uma reunião de “verdade e reconciliação” presidida por Putin. E algumas decisões importantes teriam sido tomadas para que o Kremlin pudesse manter seus olhos totalmente e de maneira otimizada na bola na frente da Ucrânia.

Agora, isso praticamente apagará a centelha de esperança entre os aliados da OTAN sobre as incertezas políticas na Rússia que dificultam o esforço de guerra do Kremlin. Obviamente, não há “rachaduras” em lugar algum da parede do Kremlin. Putin continua firmemente no comando e as operações militares para dispersar a ofensiva ucraniana de um mês estão superando as expectativas.

Do mesmo modo, é provável que haja um maior sentido de realismo entre os Aliados da OTAN. Infelizmente, importantes decisões políticas relativas à segurança europeia foram fixadas em informações falhas de inteligência.

Os americanos não tinham ideia da capacidade do armamento russo ou da indústria de defesa do país, sua capacidade ininterrupta de se mobilizar para uma guerra continental, o humor do povo russo, a forte base de poder de Putin com uma consistente taxa de aprovação de 80% (mais do que o dobro de Biden), a

resiliência da economia russa para resistir às sanções, ou a reação às sanções que acabariam por devastar as economias europeias.

O KREMLIN CONFIDENCIOU COM PEQUIM

Mais uma vez, para divagar um pouco, todas as indicações disponíveis são de que a China estava por dentro do assunto do caso Wagner. Provavelmente, a China foi o único país em que o Kremlin confiou. Isso também não terá passado despercebido nas capitais da OTAN.

Para recapitular, quando questionado pela *AFP* na coletiva de imprensa do Ministério das Relações Exteriores da China em 26 de junho, se o presidente Xi Jinping ainda teve a oportunidade de falar pessoalmente com Putin sobre o incidente da Wagner, Mao Ning, porta-voz, respondeu o seguinte:

*“O incidente do Grupo Wagner é um assunto interno da Rússia. Como vizinho amigável da Rússia e parceiro estratégico abrangente de coordenação para a nova era, a China apoia a Rússia na manutenção da estabilidade nacional e na conquista do desenvolvimento e da prosperidade, e acreditamos na capacidade da Rússia de fazer isso. Nossos dois países mantiveram uma **comunicação estreita e sólida em vários níveis**. Quanto à sua pergunta sobre conversas telefônicas específicas, não tenho nada a compartilhar.”* [Ênfase adicionada.]

Curiosamente, um comentário no *Global Times* em 26 de junho já havia chegado à conclusão, 48 horas após os dramáticos acontecimentos na Rússia, de que as autoridades americanas estavam simplesmente “falando mal do governo russo”, como de costume, com a agenda de “ampliar alguns dos os problemas internos na Rússia para atingir o objetivo de continuar enfraquecendo o país e causar danos ao moral militar dos soldados russos, como parte da guerra cognitiva lançada pelo Ocidente liderado pelos EUA contra a Rússia”.

O comentário intitulado [*China supports and believes Russia in maintaining national stability*](#) (*China apoia e acredita que a Rússia mantém a estabilidade nacional*, tradução livre) observou que a erupção da Wagner “foi reprimida em pouco tempo com impacto limitado na autoridade de Putin. Em vez de defini-lo como uma rebelião real, deve ser visto como uma luta pelo poder, já que Prigozhin não mencionou nenhum slogan anti-Putin nem alvejou a autoridade de Putin”.

De fato, a reunião do Kremlin entre Putin e os comandantes da Wagner e Prigozhin ocorreu apenas dois dias depois. O lado chinês sabia exatamente o que estava acontecendo – e o que era de se esperar!

Enquanto isso, a continuidade da comunicação estratégica entre Pequim e Moscou foi notável. Em 25 de junho, o conselheiro de Estado e ministro das Relações Exteriores da China, Qin Gang, reuniu-se em Pequim com o vice-ministro russo das Relações Exteriores, Rudenko Andrey Yurevich; em 3 de julho, o ministro da Defesa da China, Li Shangfu, reuniu-se com o chefe da Marinha russa, almirante Nikolai Yevmenov, em Pequim; em 10 de julho, o presidente Xi recebeu a visita da presidente do Senado russo, Valentina Matviyenko, no Grande Salão do Povo.

No contexto da Cúpula da OTAN, o encontro de Xi Jinping com Matviyenko (diplomata de carreira e número dois na hierarquia política russa depois de Putin) é oportuno e extremamente significativo. Chegou à [manchete principal](#) do *Diário do Povo* hoje.

De acordo com uma reportagem da *Xinhua*, “durante minha visita de Estado à Rússia em março deste ano, o presidente Putin e eu chegamos a um novo e importante consenso sobre o aprofundamento da coordenação estratégica abrangente bilateral e a cooperação prática em vários campos”, disse Xi, observando que o desenvolvimento das relações China-Rússia é uma escolha estratégica que os dois países fizeram com base nos interesses fundamentais de seus respectivos países e povos.

“A China continuará a trabalhar com a Rússia para desenvolver uma parceria estratégica abrangente de coordenação para uma nova era, com assistência mútua, integração profunda, inovação e resultados vantajosos para todos, de modo a impulsionar o desenvolvimento e a revitalização dos dois países e promover a construção de um mundo próspero, estável, justo e equitativo”, disse Xi.

GARANTIA DE SEGURANÇA PARA A UCRÂNIA

Não poderia haver uma afirmação mais forte de apoio à liderança de Putin por Pequim. Basta dizer que a cúpula da OTAN levará em consideração a realidade geopolítica, por mais desagradável que seja, de que a guerra na Ucrânia está longe de isolar a Rússia, mas, ao contrário, ajudou a revigorar e expandir a órbita de influência diplomática e política de Moscou na grande maioria da comunidade mundial.

Ao mesmo tempo, também na frente militar, as esperanças ilusórias dos países da OTAN em derrotar a Rússia se desvaneceram e as decisões da cúpula de Vilnius levarão em consideração essa realidade fundamental.

A administração Biden já admitiu que o Pentágono ficou sem munição para abastecer a Ucrânia e a capacidade industrial terá de ser reforçada. Mas esse é um objetivo de médio prazo, enquanto a guerra tem exigências imediatas. E para atender aos requisitos atuais, Biden decidiu, em vez disso, fornecer à Ucrânia bombas de fragmentação, arma suja proibida sob lei internacional pela ONU.

Assim, está surgindo lentamente que não haverá adesão à OTAN para a Ucrânia – nem agora nem nunca. Ontem, Richard Haas, presidente do Conselho de Relações Exteriores e formador de opinião extremamente influente do *establishment* da política externa dos EUA, escreveu no *Project Syndicate* (de olho no público europeu) uma crítica contundente intitulada [Ascending the Vilnius Summit](#): “Oferecendo à OTAN adesão em princípio, como foi feito quando os líderes da OTAN se reuniram em Bucareste em 2008, parece vazio...”

Haas elaborou que os países da OTAN podem, em vez disso, bilateralmente “estender um compromisso de segurança para defender o direito de existência da Ucrânia... sem referência a um território preciso... comparável ao que os EUA há muito fazem por Israel”.

Haas acredita que tal compromisso formal e aberto apoiado com “as armas, inteligência e treinamento necessários” sinalizaria que a América “não permitirá que nenhuma entidade ameace” a existência da Ucrânia, mas sem vinculá-la “a nenhum mapa específico” do território da Ucrânia.

Curiosamente, quando questionado sobre isso durante a coletiva de imprensa no domingo, Sullivan também confirmou que tal conceito está na mesa, segundo o qual os EUA, seus aliados e parceiros, “dentro de uma estrutura multilateral, negociarão compromissos bilaterais de segurança com a Ucrânia a longo prazo... fornecer várias formas de assistência militar, inteligência e compartilhamento de informações, suporte cibernético e outras formas de suporte material para que a Ucrânia possa se defender e impedir futuras agressões”.

O ponto principal é que a cúpula de Vilnius soará a corneta para informar ao feudo que uma retirada ordenada da OTAN da Ucrânia está em jogo. Ao contrário do Afeganistão, os EUA sem dúvida manterão seus aliados informados, uma vez que isso diz respeito principalmente à segurança europeia – e, mais importante, não deve ser outra retirada caótica como as que Cabul ou Saigon testemunharam no passado. Isso, por sua vez, exige unidade absoluta da OTAN.

Assim, Biden cuidadosamente pousou em Londres a caminho de Vilnius para apaziguar o Reino Unido de que a Ucrânia não pode ser o campo de batalha de seu sonho de “Global Britain”. O [rei Charles interveio](#) para suavizar as penas ericadas no “relacionamento especial” EUA-Reino Unido. Joe Biden já havia vetado anteriormente a recomendação da Grã-Bretanha do secretário de Defesa Ben Wallace, um inveterado falcão contra a Rússia, como o próximo secretário-geral da OTAN.

Evidentemente, as porcas e parafusos de uma retirada ordenada precisarão ser minuciosamente trabalhadas dentro da estrutura de um cessar-fogo na guerra. Isso significa se envolver com a Rússia em um futuro próximo e desencorajá-la de avançar imediatamente com qualquer grande ofensiva para encerrar a guerra de forma conclusiva a seu favor.

Enquanto isso, de acordo com boatos em Kiev, o comandante-em-chefe das forças armadas, general Valeri Zaluzhny, recomendou a seu presidente Zelensky que a atual ofensiva militar ucraniana de um mês simplesmente não é sustentável contra as poderosas forças russas e deveria ser cancelada.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
